



Daniel Vanderklok-
O futuro era incerto
para este menino
tão ativo.



JANEIRO 1999

Lutando *por* Daniel

A vida do menino dependia da
perícia de um neurocirurgião

Por JOHN PEKKANEN

AFUNDADO numa poltrona, Daniel Vanderklok murmurou:
– Minha cabeça está doendo.
O garoto de 11 anos tentou alcançar um copo d'água com a mão esquerda, mas os dedos estavam flácidos.

– Mamãe, não consigo mexer a mão! – queixou-se.

Vicki Vanderklok observou, alarmada, o filho – normalmente uma criança alegre e feliz – lutar para retorcer os dedos. Em instantes ela estava ao telefone com Barry Kitts, o médico da família.

– Traga-o imediatamente ao consultório – ordenou ele.

Quando chegaram, o braço esquerdo de Daniel formigava e ele arrastava a perna esquerda. Após uma série de exames, o doutor Kitts puxou Vicki de lado e lhe disse:

– Quero que você leve Daniel ao hospital

para fazer uma tomografia computadorizada o mais depressa possível.

Quarenta e oito horas depois, num dia frio e cinzento de dezembro de 1996, Tom e Vicki Vanderklok estavam sentados numa sala de reuniões no nono andar do Hospital Infantil DeVos, tentando assimilar a notícia impiedosa. Seu único filho tinha no cérebro não um, mas *dois* tumores, um dos quais no tronco cerebral, onde uma cirurgia era particularmente arriscada.

Os Vanderkloks foram informados de que, sem cirurgia, Daniel provavelmente teria apenas algumas semanas de vida. Entretanto, mesmo que Daniel fosse operado, suas possibilidades de sobrevivência eram mínimas. Se conseguisse escapar, era quase certo que ficasse tetraplégico, dependendo de um respirador.

Diante de notícias tão desesperadoras, Vicki foi firme:

– Quero que meu filho viva. Não importa em que condições. Nós cuidaremos dele.

Nova esperança. Tom e Vicki, ambos com 39 anos, não conseguiam acreditar no que estava acontecendo. Na escola primária, seu filho fora um dos corredores mais velozes da turma, assim como um dos alunos mais brilhantes.

Agora o menino louro de olhos azuis jazia num leito de hospital, aterrorizado e mudo, incapaz de mexer o braço, a mão e a perna esquerdos. O único indício do tormento interior de Daniel era a forma como se

agarrava a *Puppy*, um cachorrinho de pelúcia de orelhas caídas que ele tinha como talismã.

– *Deve* haver um médico em algum lugar que possa nos ajudar – disse Tom com a voz entrecortada.

Liza Squires, neuropediatra do centro médico, lembrou-se de alguém que talvez pudesse.

– Conheço um neurocirurgião em Nova York – disse ela com delicadeza. – Seu nome é Fred Epstein. É o melhor que existe. Vou contatá-lo.

Liza fez estágio com Epstein, agora diretor do Instituto de Neurologia e Neurocirurgia do Centro Médico Beth Israel. Um dos mais capacitados neurocirurgiões infantis do mundo, Epstein foi dos primeiros a operar com êxito tumores na medula espinhal e a aventurar-se no tronco cerebral. Era também conhecido por sua abordagem atenciosa e realista, além do profundo respeito pelos pacientes e suas famílias.

– Muitos médicos me proporcionaram excelente treinamento técnico – dissera Liza a amigos –, mas Fred Epstein me ensinou a ser médica.

Liza telefonou a Epstein.

– Quero ver as tomografias de Daniel e os resultados de outros exames – pediu ele. – Você poderia enviá-los com urgência?

Epstein analisou as tomografias e logo telefonou aos Vanderkloks, que concordaram em levar Daniel a Nova York.

Enquanto isso, o aumento da pressão no centro respiratório do tronco cerebral de Daniel tornara

os soluços ocasionais praticamente contínuos. Ele agora também sentia formigamento no lado *direito* do corpo.

Cada vez mais assustado, o menino olhou firme para a mãe e perguntou:

– Eu vou morrer?

Vicki o abraçou com força e disse:

– Daniel, vamos para Nova York justamente para que você *não* morra.

A promessa. Um homem alto e esguio, de terno azul e botas de vaqueiro, entrou no consultório do Beth Israel.

– Oi! – disse, estendendo a mão a Daniel. – Sou Fred Epstein.

Fraco, o menino apertou-lhe a mão. O médico então se dirigiu a Tom e Vicki e lhes disse com delicadeza:

– Por favor, me chamem de Fred. Estamos juntos nisso.

Os soluços de Daniel agora estavam tão descontrolados que ele tinha dificuldade até mesmo em respirar. Epstein sabia que a pressão do tumor no tronco do cérebro do menino atingira um nível mais perigoso.

– Você tem alguma pergunta sobre a cirurgia? – indagou a Daniel.

– *Puppy* pode ficar comigo?

– Claro que pode.

– O senhor vai rapar minha cabeça?

Epstein sorriu. Crianças com doenças graves eram habitualmente mais corajosas do que muitos adultos, mas, de modo geral, preocupavam-se mais com a aparência.

– Prometo que só vou tirar um pouquinho de cabelo na nuca – afirmou Epstein. – Você nem vai notar.

Daniel pareceu relaxar.



CORTESIA DE TOM E VICKI VANDERKLOK

Antes da Operação– A pressão do tumor dificultava muito a respiração do garoto.

– Também costumamos tocar música na sala de cirurgia – acrescentou o médico. – Quer ouvir alguma canção especial?

– A do *Rei Leão* – respondeu Daniel.

– Combinado.

Sem que o menino pudesse ouvi-lo, Epstein explicou que os tumores de Daniel seriam retirados em duas

operações separadas. O tumor maior e mais perigoso tinha quase oito centímetros de comprimento e se enroscara da base do tronco cerebral até a medula espinhal: seria o primeiro a ser extraído.

– Acho que esse é o caminho mais seguro – afirmou Epstein.

Cuidados especiais. No início da manhã de 9 de janeiro de 1997, com a música de *O Rei Leão* tocando nos alto-falantes, Vicki e Tom entraram na sala de cirurgia ao lado de Daniel. Os três estavam de mãos dadas.

– Mamãe, estou com medo – disse Daniel.

Vicki beijou a testa do filho e o tranqüilizou:

– Nós vamos ficar juntinho de você.

Dali a minutos Daniel estava sob efeito da anestesia, agarrado a *Puppy*. Depois que Tom e Vicki foram para a sala de espera, duas enfermeiras puseram Daniel de barriga para baixo e lhe apoiaram a cabeça num suporte apropriado. A seguir, raparam pequena quantidade de cabelo da nuca do menino.

O doutor Vedran Deletis, neurofisiologista, fixou eletrodos ao couro cabeludo, à coluna, aos braços e às pernas de Daniel. Durante a cirurgia eles monitorizariam as transmissões de impulsos nervosos do cérebro do garoto para a medula espinhal e os membros. Se as ondas cerebrais caíssem mais de 40%, Daniel poderia estar em perigo de paralisia definitiva.

Depois da verificação final dos instrumentos, Deletis anunciou para a equipe cirúrgica:

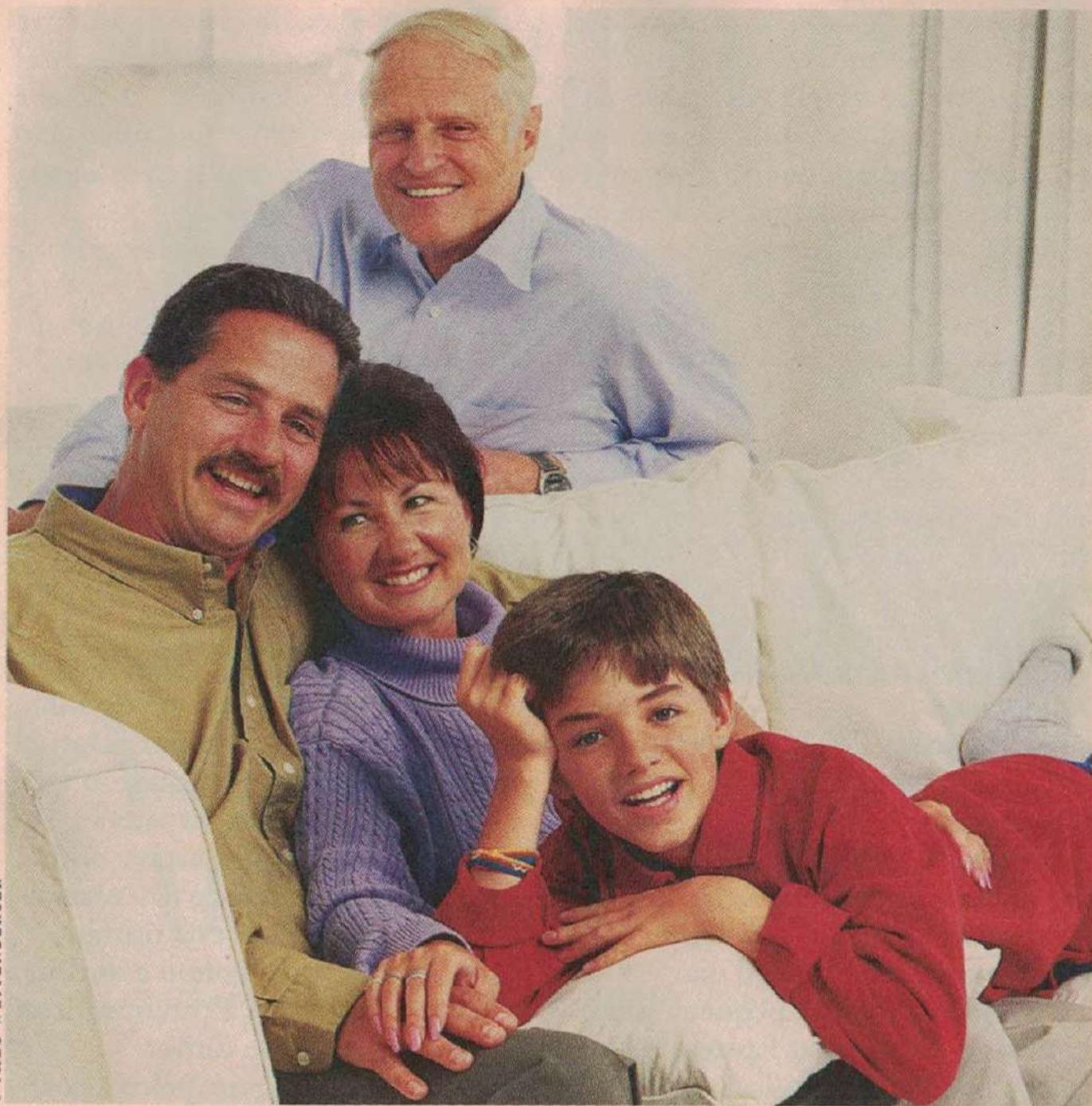
– Estamos prontos.

Um assistente abriu quatro orifícios na parte posterior da cabeça de Daniel. Depois, com uma serra cirúrgica, cortou de buraco a buraco, retirando um pedaço de osso de cerca de oito centímetros. Em seguida, abriu a dura-máter – membrana resistente e cinzenta que reveste o cérebro –, prolongando a incisão pelo pescoço de Daniel até expor a parte superior da medula espinhal, onde ela se une ao tronco cerebral. Ao examinar pelo microscópio cirúrgico, Epstein viu o tumor cinza-avermelhado pulsando como um coração em miniatura.

– Ele é enorme – informou. – Tem quase o dobro do tamanho da porção superior da medula.

O tumor de Daniel era um cavernoma – rede de vasos sanguíneos anormais que com o tempo se desgastam e causam hemorragia. Epstein viu que o emaranhado de estruturas vermiformes estava quase negro, em razão dos resíduos ressecados do sangramento.

Para destruir os vasos do tumor, ele precisaria cortá-los e extirpá-los um a um. Se cortasse demais ou exercesse pressão exagerada no interior da medula, poderia destruir a capacidade dessa de transmitir impulsos nervosos – e Daniel ficaria permanentemente paralisado do pescoço para baixo. O truque era descobrir onde terminava o tumor e começava



© THEO WESTENBERGER

Apoio Fundamental— Epstein cria fortes laços com seus pacientes. ‘Estamos nisso juntos’, disse a Tom, Vicki e o filho Daniel.

o tecido saudável. Naquele instante tudo era massa escura e indefinida. Mesmo as imagens de alta resolução não forneciam distinção clara.

Epstein pegou um microbisturi e disse:

— Muito bem, lá vamos nós.

Foi avançando cuidadosamente, milímetro por milímetro. Depois de

fazer uma incisão no que parecia ser o centro do tumor, utilizou um instrumento eletrificado semelhante a uma pinça, chamado microcauterizador, para prender e vedar os vasos sanguíneos do cavernoma. Ao deter o sangramento obteve um campo mais amplo. Então, lentamente, do núcleo do tumor retirou os vasos cortados.

Epstein continuou a incisão, no sentido da medula espinhal para a base do tronco cerebral. A sala de operações mergulhou em silêncio total. Todos podiam sentir a intensa concentração do cirurgião. Independentemente do número de vezes que ele operava essa parte do cérebro, o procedimento nunca era rotineiro. Não havia margem para erros.

– Ainda estamos bem? – perguntou Epstein a Deletis.

– Ele caiu 30%.

A pressão nas vias motoras de Daniel agora era maior, impedindo-as de conduzir os impulsos nervosos tão eficientemente quanto antes.

– Agora chegou aos 40% – anunciou Deletis.

– Ah, meu Deus! – exclamou Epstein, parando de cortar e respirando fundo.

Estava em terreno *muito* delicado. Em outra ocasião, chegara a suspender a cirurgia, reanalisara o procedimento e continuara outro dia.

– Ainda resta uma pequena parte do tumor – informou Epstein a Deletis. – Tenho de pegá-la.

Deletis vigiava atentamente os aparelhos. À medida que Epstein prosseguia com cautela, as ondas cerebrais se mantinham estáveis em 40% abaixo da linha de base.

Metodicamente ele cortou e cauterizou todos os minúsculos vasos do tumor. A seguir arrancou e aspirou, fragmento por fragmento, o restante.

Ao fazê-lo, o tecido claro e saudável da porção inferior do tronco cerebral surgiu em sua plenitude. O tumor que ameaçara a vida de Daniel não mais existia. Ansioso, Epstein olhou de relance para Deletis.

– Ele vai ficar bem – assegurou-lhe esse último.

A euforia tomou conta de todos.

– Vamos pôr *Puppy* de volta no lugar para que Daniel o encontre quando acordar – instruiu Epstein.

Sorrindo, uma enfermeira colocou o cachorrinho sobre o peito do menino. Finalmente, mais de seis horas após o início da cirurgia, Daniel foi levado para a UTI.

Pouco tempo depois Tom e Vicki se debruçavam sobre o leito do filho. Ao abrir os olhos devagar, Daniel viu os pais ansiosos e perguntou:

– Minha cabeça está rapada?

O cérebro de Daniel estava ótimo.

– Seu cabelo está todo aí – assegurou-lhe Tom. – Você está ótimo!

Satisfeito, Daniel voltou a dormir.

Cinco dias depois Epstein retirou com êxito o segundo tumor.

– Ele vai ficar bem pelos próximos cem anos – garantiu o médico aos Vanderkloks. – Quando vocês envelhecerem, é ele quem vai empurrar suas cadeiras de rodas.

Daniel concluiu o ano escolar com louvor. Embora sinta certa fraqueza no braço e na perna esquerdos, ele continua gostando de correr.

O único lugar em que sucesso vem antes de trabalho é no dicionário.

—VIDAL SASSOON